



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VIII**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**JOÃO PAULO DE ARAUJO OLIVEIRA**

**UMA BREVE VISÃO DE COMO ESTUDAMOS A MORTE**

**PAULO AFONSO**

**2023**

**JOÃO PAULO DE ARAUJO OLIVEIRA**

**UMA BREVE VISÃO DE COMO ESTUDAMOS A MORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VIII, para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Bruno Barbosa Heim

**PAULO AFONSO/BA**

**2023**

## FICHA CATALOGRÁFICA

O45b Oliveira, João Paulo de Araujo.  
**Uma breve visão de como estudamos a morte** / João Paulo de Araujo Oliveira. - Paulo Afonso, 2023.  
23 fls: il.

Orientador: Prof. Me. Bruno Barbosa Heim.  
Inclui Referências  
TCC (Graduação - Arqueologia) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus VIII. 2023.

1. Morte 2. Arqueologia funerária 3. Arqueologia mortuária 4. Tanatologia I. Título

CDD – 913

## **UMA BREVE VISÃO DE COMO ESTUDAMOS A MORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. **Nota: 8,8.**

**Aprovado em 26 de janeiro de 2023.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Me. Bruno Barbosa Heim

Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

---

Examinador: Prof. Me. Salomão David Cardoso Vergne

Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

---

Examinador: Prof. Me. Giusepe Augusto Araujo

**Paulo Afonso-BA**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, pela força para enfrentar as muitas adversidades que apareceram em minha vida no decorrer dessa jornada que foi a graduação, me impedindo graduar junto de meus colegas de turma, porém apesar destas e de tantas outras dificuldades, me guiou e permitiu chegar até esse ponto final da graduação que é o TCC.

A minha toda minha família por sempre estar comigo, me apoiarem nos diversos momentos fossem eles agradáveis ou não, aos meus filhos por serem a luz dos meus dias que me inspiraram a continuar nas lutas diárias até chegar a este momento. Este curso foi para mim a realização de um sonho de infância, inspirado e nutrido por filmes, series e curiosidade sobre nossas origens, de não compreender de onde viemos e do inconformismo que cresceu em meu peito para minimamente entender para onde vamos e aos que ficam. Assim como os vestígios materiais que encontramos representam povos que já não podemos encontrar, também construímos nossa própria cultura material que alimenta sonhos e esperanças que de minha parte, foi realizada por meio deste trabalho e da jornada trilhada, principalmente graças ao apoio de toda minha família.

Ao meu orientador Bruno Heim por me apoiar nessa fase final para a conclusão.

Aos meus colegas de turma por compartilhar muitos momentos de aprendizado e descontração dentro e fora de aula, em alguns momentos esclarecendo e em outros encorajando a não desistir.

## **RESUMO**

Neste trabalho nos propomos a realizar um breve estudo sobre algumas das ciências que estudam a morte e como enquanto novos arqueólogos em atuação, poderemos melhor interpretar os vestígios escavados.

Uma vez que compreendemos as disciplinas que nos auxiliam a interpretar os vestígios escavados, é importante que por nossa parte haja uma linguagem para auxiliar futuramente estudantes que possam vir a ter aos mesmos questionamentos tais tivemos no início da graduação e hoje temos muito desses questionamentos já sanados.

Palavras-chave: morte, arqueologia funerária, arqueologia mortuária, tanatologia

## **ABSTRACT**

In this work we propose to carry out a brief study on some of the sciences that study death and how, as new archaeologists in action, we can better interpret the excavated remains.

Once we understand the disciplines that help us to interpret the excavated remains, it is important for us to have a language to help students in the future who may have the same questions we had at the beginning of graduation and today we have many of these questions already resolved.

Keywords: death, funerary archeology, mortuary archeology, thanatology

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>9</b>
<b>2.OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3.Objetivo Geral .....</b>	<b>10</b>
<b>4.Objetivos Específicos.....</b>	<b>10</b>
<b>5.JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>10</b>
<b>6.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
<b>7.METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>8.ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA .....</b>	<b>13</b>
<b>9.ARQUEOLOGIA MORTUÁRIA.....</b>	<b>16</b>
<b>10.TANATOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
<b>11.Metodologia de análise tanatológica .....</b>	<b>17</b>
<b>12.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>13.REFERENCIAS .....</b>	<b>23</b>

## **1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

Este trabalho visa nos trazer um breve esclarecimento acerca das disciplinas que estudam a morte na arqueologia. Algumas das principais missões da arqueologia são: o estudo, a compreensão e a preservação de agrupamentos diversos que existiram ao longo do desenvolvimento da civilização humana atual.

Uma vez que não temos o conhecimento absoluto acerca do passado, tampouco compreender o real significado dos artefatos escavados por arqueólogos ao redor do mundo, mas devemos manter um nível mínimo de neutralidade na análise do passado humano e dos artefatos remanescentes como nosso mapa que nos guia rumo a nossas origens.

Como exemplo dos vestígios que temos a disposição para investigar esse passado distante, temos necrópoles e estruturas encontradas ocasionalmente, que muito nos informam sobre esse passado. Já em relação às ciências que estudam as diversas necrópoles encontradas durante escavações temos três campos, que apesar de similares, nos trazem muitos esclarecimentos em suas respectivas áreas, sendo estas: a arqueologia funerária, arqueologia mortuária, tanatologia.

## **2. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS**

Este trabalho tem o intuito de revisar e esclarecer sobre a interpretação acerca das disciplinas que a priori estudam algumas das principais características relacionadas a morte.

### **2.1. Objetivo Geral**

Este trabalho de conclusão de curso (TCC), cogita realizar um breve estudo acerca da compreensão sobre os campos que estudam a morte em parceria da arqueologia a partir da ótica de um discente da primeira turma de arqueologia da UNEB e seus benefícios a longo prazo para a compreensão das escavações diversas.

### **2.2. Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos trabalho incluem:

- a) Revisão bibliográfica sobre arqueologia funerária, arqueologia mortuária, tanatologia;
- b) Reflexão sobre suas respectivas funções na arqueologia;
- c) Avaliar e discutir a aplicabilidade das três áreas.

A partir dos objetivos acima estabelecidos, as seções a seguir apresentaram o desenrolar proposto.

## **3. JUSTIFICATIVA**

Enquanto graduando de arqueologia é necessária para a execução dos trabalhos arqueológicos, uma compreensão clara e direta acerca da compreensão não apenas da morte, mas também das ciências que a estudam. Uma vez que o material residual estudado em diversas escavações é em diversas ocasiões proveniente de cemitérios pré-históricos ou necrópoles (como em Xingó-SE), essa compreensão é mais do que necessária para que nossa interpretação dos artefatos não seja alterada pela nossa cultura.

## 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma vez definido o tema da pesquisa, é necessário definir nossa fundamentação teórica para então nos debruçar na revisão bibliográfica.

Segundo Borko, a ciência da informação é definida como:

a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional, e os meios de processamento da informação para a otimização do acesso e uso. Isto é, preocupa-se com o corpo de conhecimento relacionado à origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. (BORKO, 1968, p. 3)

Do ponto de vista disciplinar, a ciência da informação acolheu aqueles campos do conhecimento (conceitual e técnico) que lidam com problemas semelhantes, como a biblioteconomia, a arquivística e a museológica.

A biblioteconomia estuda aspectos da preservação, acesso e circulação de acervos de livros, como o conjunto de técnicas e regras necessárias segundo as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios, dentre outros disponibilizados para a gestão de uma biblioteca (FONSECA 1992, p. 1). Por sua vez Martins et al. (2016, p. 609) afirmam que a biblioteconomia é a “área responsável por organizar e administrar todas as atividades e tarefas que envolvam os livros e outros documentos (artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, relatórios), com o objetivo de atender as necessidades de informações de seus interagentes.”

Já no que se refere à revisão bibliográfica, está é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44). No entanto, existem dois métodos para realizar a revisão bibliográfica: a narrativa e a sistemática. Em função dos objetivos propostos neste projeto, optaremos pela revisão narrativa.

## 5. METODOLOGIA

Nesta seção, igualmente esclareceremos nossa proposta metodológica para este trabalho após realizar a análise e discussão dos textos propostos.

Embora para Marconi e Lakatos (2003, p. 44), as oito etapas da pesquisa bibliográfica incluem escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e a elaboração da redação, no guia apresentado por Okoli (2019, p. 8-9) os oito passos são descritos da seguinte maneira:

1. Identifique o objetivo: o primeiro passo em qualquer revisão exige que os revisores identifiquem claramente o propósito da revisão e os objetivos pretendidos, o que é necessário para que a revisão seja explícita para seus leitores.
2. Planeje o protocolo e treine a equipe: para qualquer revisão que empregue mais de um revisor, os revisores precisam estar completamente esclarecidos e de acordo sobre o procedimento que seguirão, o que exige tanto um detalhado protocolo escrito quanto treinamento para todos os revisores a fim de garantir consistência em como executarão a revisão.
3. Aplique uma seleção prática: também chamada de seleção para inclusão, esta etapa exige que os revisores sejam explícitos sobre quais estudos consideraram para a revisão e quais eliminaram sem maior exame (uma parte muito necessária de qualquer revisão de literatura). Para os estudos excluídos, os revisores devem indicar suas razões práticas para não os considerar e justificar como o resultado da revisão ainda pode ser abrangente, dados os critérios práticos de exclusão.
4. Busque a bibliografia: os revisores precisam ser explícitos ao descrever os detalhes da pesquisa bibliográfica e precisam explicar e justificar como garantiram a abrangência da pesquisa.
5. Extraia os dados: após os revisores identificarem todos os estudos que devem ser incluídos, precisam extrair sistematicamente as informações aplicáveis de cada estudo.
6. Avalie a qualidade: também chamada de seleção para exclusão, os revisores precisam declarar explicitamente os critérios utilizados para julgar quais artigos serão excluídos por qualidade insuficiente. Os pesquisadores precisam classificar a qualidade de todos os artigos incluídos, dependendo das metodologias de pesquisa que empregam.
7. Sintetize os estudos: também conhecido como análise, este passo envolve combinar os fatos extraídos dos estudos, usando técnicas quantitativas ou qualitativas apropriadas ou ambas.
8. Escreva a revisão: além dos princípios e padrões a serem seguidos na escrita de artigos científicos, o processo de uma revisão sistemática de literatura precisa ser descrito com detalhes suficientes de maneira que outros pesquisadores possam, independentemente, reproduzir seus resultados.

Esclarecidas as seções anteriores, daremos seguimento ao nosso trabalho.

## 6. ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA

Vários fatores podem influenciar o comportamento da degeneração esquelética, dependendo de fatores culturais e não culturais, nomeadamente: o estado do corpo no momento da morte, idade, sexo, peso, patologia, praticas funerárias; intemperismos etc. Segundo Plens (2018, p.324):

A fim de analisar as práticas mortuárias do sítio Moraes foi aplicado o método Arqueotematologia, desenvolvido por Duday (1978; 1985; 1990). Nesta análise serão consideradas 4 variáveis principais: 1) Natureza dos sepultamentos (estudos das articulações do corpo); 2) Espaço de decomposição (onde é considerada a existência de quaisquer estruturas que envolveram o corpo humano); 3) Número de indivíduos no sepultamento; 4) Tipo de sepultamento (primário, secundário ou múltiplo).

A autora nos esclarece que cada característica do esqueleto, nos aponta uma cronologia, o tipo de enterramento, e demais dados que em somatória, nos elucidam certas características que nos auxiliam na interpretação da estrutura funerária. Algumas características que são importantes enfatizar, dizem respeito a identificação e especificação de um enterramento primário de um secundário, como podemos notar na tabela a seguir:

Tabela 1: Tipos de articulação em conexão com o tecido mole

Tipo De Sepultamento	Sepultamentos Primários		Sepultamentos Secundários
Tipo de articulação	Espaço preenchido correspondente ao espaço de tecido mole	Espaço vazio	
1 - fraca	Progressivo	Diferencial	
Com pouco volume de tecido mole	Conexões preservadas mesmo em posições instáveis	Conexões preservadas somente em posição estável ou deslocamento entre o volume inicial do cadáver (colapso da caixa torácica, rotação dos segmentos vertebrais, fechamento dos ângulos intersegmentários)	Conexões são preservadas somente em posições estáveis ou deslocadas. Amplitude de movimento limitado (efeito de parede)
Grande volume de tecido mole	Conexões geralmente preservadas, porém, com colapso do tórax e ossos coxais		Articulações deslocadas
2 - Persistente	Conexões preservadas		Articulações deslocadas ou em conexão anatômica dependente do tempo entre morte e sepultamento final

Fonte: Plens (2018, p.326)

Plens (2018) nos aponta outras características em relação ao espaço de decomposição como observaremos na tabela 2. Durante a graduação, muito nos é dito para observar o sítio e ter cuidado com a estratigrafia, mas pouco nos é explicado sobre os referidos espaços de decomposição, e sua *formação*. Salientando que o intuito deste trabalho é apenas uma breve revisão para melhor compreender o *corpus funus*<sup>1</sup>, os dados a seguir nos permitem compreender alguns “por quês” sobre a área onde os restos esqueléticos foram encontrados.

Tabela 2: Espaço de decomposição

Espaço vazio	Espaço de ar entre o corpo e o sedimento logo após o enterramento. Este espaço pode ser criado tanto pela arquitetura quanto pela própria decomposição dos tecidos moles que permitirá a movimentação das articulações.
Efeito parede	Limite imposto pela arquitetura criada pelo sepultamento.
Espaços vazios não delimitados	Este espaço refere-se a ambientes que não envolvam uma arquitetura planejada, como grutas e cavernas, onde o indivíduo é posto sobre uma superfície sem qualquer outra estrutura que o segure, podendo levar ao colapso de grandes partes anatômicas, como a caixa torácica.
Espaço vazio com posterior preenchimento	O mais comum e mais complexo dos espaços que ocorre tempos depois de completa a esquelétização e desarticulação óssea. Após a decomposição do tecido mole em espaço vazio (que pode ter como indicativo o rearranjo de crânio, costelas e ossos longos), o sedimento que primeiramente revestiu o cadáver desaba, após o longo processo de esquelétização do cadáver.
Espaço vazio delineado	Arquitetura que cria espaço ao redor do corpo em decomposição e previne contato direto entre o sedimento e o indivíduo. Um bom indicador de uma arquitetura limitante é a constrição das cinturas pélvica e escapular.
Espaços cobertos	Imediato contato entre sedimento e corpo durante o processo de decomposição dos tecidos moles. A composição do sedimento, no entanto, trará diversas consequências para o estado dos ossos (assim como o estado inicial do corpo, por exemplo, a existência de mais ou menos gordura no corpo).
Encobrimento progressivo	Como é chamado o processo de deslocamento do solo ao redor dos ossos durante a decomposição do solo. Esse processo, que pode ser progressivo ou preenchido imediatamente, pode ser analisado por intermédio dos movimentos dos ossos.
Preenchimento diferencial	Ocorre onde o sedimento não é muito fino, permitindo que, em curto espaço de tempo os ossos se movam antes do colapso do sedimento. Um bom indicativo deste processo pode ser observado a partir do deslocamento sutil que pode ocorrer no tórax e abdômen, antes do sedimento se precipitar pelas cavidades. Neste caso, o principal é notar que a movimentação dos ossos nunca ultrapassará o volume inicial do cadáver.

Fonte: Plens (2018, p.325-327) adaptado pelo autor

Outro ponto importante que devemos salientar, é que durante todo o curso ouvimos falar sobre “enterramentos primários e enterramentos secundários” de forma superficial, apenas com imagens e raríssimos exemplos práticos, Plens (2018) nos aponta detalhadamente as principais características de ambos os enterramentos e nos apresenta um terceiro tipo, os “sepultamentos múltiplos”, o que nos auxilia a compreender porque alguns “enterramentos secundários” apesar

<sup>1</sup> Do Latim: Corpo do funeral

de possuírem diversos conjuntos esqueléticos, os pesquisadores podem não conseguir remonta-los, assim como o motivo para tantos esqueletos estarem enterrados juntos.

Tabela 3: Tipos de sepultamentos

Número de indivíduos no sepultamento	O número de indivíduos nos sepultamentos é estudado para saber quantos indivíduos foram enterrados num mesmo sepultamento e com qual objetivo. Essa interpretação é importante, uma vez que é possível distinguir sepultamentos sucessivos dos simultâneos. Para interpretar esse fator é preciso considerar a análise do espaço de decomposição, para um entendimento da organização dos atributos ou distúrbios, que podem indicar quantos indivíduos estavam envolvidos nos sepultamentos (Nilsson Stutz, 2003, p. 305).
Tipo de sepultamento (primário, secundário ou múltiplo)	O tipo de sepultamento refere-se ao modo de deposição do morto. Disposição primária é a posição em que o corpo é inicialmente colocado até que o arqueólogo o encontre. Já o secundário refere-se ao sepultamento que tem seu corpo removido de seu enterramento primário (onde ocorre a decomposição total ou parcial do tecido mole), para um segundo espaço. Aqui vale ressaltar que esqueletos retirados de enterramento primário, ainda com presença de tecido mole podem preservar as articulações intactas, assim como o ato de envolver o corpo com tecido, invólucro de palha etc., que pode preservar essa disposição articulada do corpo. Entre as articulações que podem indicar transporte do esqueleto, os ossos carpais e tarsianos, pois estes são dificilmente transportados para um enterramento secundário. Outro fator de desarticulação que pode indicar transporte do corpo é o número de dentes encontrados. Assim, explica Roksandic (2002, p. 9), se um esqueleto apresenta menos dentes do que o esperado pela preservação da maxila e mandíbula, especialmente os dentes incisivos, pode tratar-se de um indicativo de sepultamento secundário, pois os dentes são suscetíveis à queda do alvéolo após o decaimento do ligamento periodontal.
Sepultamentos coletivos	Podem ser divididos em duas categorias, sincrônicos e diacrônicos. Sincrônicos são os enterramentos coletivos primários, efetuados ao mesmo tempo, cujo sepultamento ocorre coletivamente por fatores, como suicídio coletivo ou epidemias. Já o diacrônico refere-se a “ossuários” onde determinadas pessoas são enterradas separadamente em diferentes épocas e, posteriormente, reagrupadas em uma mesma cova. Neste caso, dependendo dos diferentes graus de decomposição em que os cadáveres são transportados para a cova secundária, podem apresentar diferentes conexões anatômicas e arranjos. Durante as escavações do sítio Moraes, os sepultamentos foram registrados em fotos, croquis e descrições de estudantes, além de outras descrições mais detalhadas realizadas por Figuti, DeBlasis e Plens, em campo.

Fonte: Plens (2018, p.328) adaptado pelo autor

Desta forma, como a autora nos aponta, podemos concluir que resumidamente a arqueologia funerária estuda os “traços culturais” que compõe o ato de enterrar, isoladamente poderiam passar despercebidos ou como uma peculiaridade na escavação, mas quando reunidos, nos permite uma melhor compreensão sobre o esqueleto e seu entorno.

## 7. ARQUEOLOGIA MORTUÁRIA

Em relação a arqueologia das práticas mortuárias, Silva (2005, p.38), afirma que:

Estudos voltados à morte na arqueologia incluem os comportamentos mortuários (formas de deposição e tratamento do cadáver), os acompanhamentos funerários (artefatos depositados com o morto durante o funeral), a distribuição espacial do cemitério (localização, inserção ambiental, período de uso), mortalidade (causas da morte), patologias e anomalias (características de morbidez que afligiam as populações) e a dieta e indicadores de saúde.

Uma vez que a arqueologia funerária contempla o que Silva denomina de “comportamentos mortuários”, devemos desde cedo nos perguntar: estas disciplinas são sinônimas, ou uma surge a partir da outra? Ambas podem trabalhar em conjunto, ou os arqueólogos atuantes apenas as tratam como terminologias consonantes?

Ainda de acordo Silva (2005, p.39),

através dos sepultamentos é possível inferir informações sobre a densidade das populações pré-históricas. [...] quais torna-se possível estabelecer características demográficas dessas populações: técnicas arqueológicas voltadas a identificação, quantificação e dimensionamento das áreas de habitação; estudo da tecnologia e da alimentação; análises estratigráficas; o estudo das alterações causadas pelos grupos humanos pré-históricos nos complexos vegetal e animal e as inferências geográficas resultantes do estudo das técnicas e dos recursos disponíveis bem como sua comparação com populações atuais semelhantes.

Podemos deduzir que se a arqueologia funerária tem como base de estudo o “comportamento mortuário”, a arqueologia das práticas mortuárias é mais ampla, se desdobrando para compreender o contexto no qual se originaram o esqueleto, artefatos, escolha do local e etc.

Similar a arqueologia sensorial que Pellini (2015, p.1) nos apresenta como “a busca [para]<sup>2</sup> entender como através da experiência sensorial com a materialidade, construímos nossas histórias, identidades, políticas, cultura e memórias” a arqueologia das práticas mortuária de forma geral, desenvolve uma metodologia semelhante. O que nos leva a fazer outra pergunta: seria a arqueologia sensorial um desdobramento metodológico da arqueologia das práticas mortuárias?

---

<sup>2</sup> Grifo nosso

## **8. TANATOLOGIA**

De acordo Bousso, Poles e Rossato (2009, p.1332), "a Tanatologia é uma ciência interdisciplinar nascida nos Estados Unidos que tem como foco o estudo da morte e do morrer. O conhecimento e uma prática holística são as bases do cuidado interdisciplinar desta área", o que nos dá uma boa base inicial para compreender a disciplina, porém, faremos uso de uma área que por hora chamaremos de sua "irmã gêmea disciplinar", a arqueotanatologia, que de acordo Silva (2017, p.21), promove a leitura de áreas mortuárias e reconstituição dos espaços originais em um caminho regresso, apontando os elementos envolvidos, capazes de provocar alterações, e, mensurando as causas e efeitos possíveis. A autora também afirma que

É também com a aplicação de ferramentas da Arqueotanatologia que é possível identificar a função atribuída para o adorno, ao ser aplicada a reconstituição da organização das peças envolvendo o morto, registradas a cada camada de escavação. No que tange a metodologia adotada para classificação dos adornos, sobretudo contas, os dois grupos de artefatos, nativos e europeus, serão analisados com base em atributos próprios, e, o registro final das peças ocorrerá em uma ficha de cadastro individual. (Silva, 2017, p.21)

Compreendemos então que é a partir da aplicação da metodologia de análise tanatológica que fazemos a interpretação dos dados obtidos pela arqueologia funerária e da arqueologia das práticas mortuárias.

## **9. Metodologia de análise tanatológica**

Uma vez que nos perguntemos "como podemos fazer a aplicação deste método?" A resposta é através da aplicação das duas disciplinas anteriormente. Apesar de possuírem nomes e funções semelhantes, sua aplicação prática é a melhor maneira de discerni-las.

Enquanto a arqueologia sensorial utiliza seus mecanismos para compreender o sítio arqueológico, a arqueologia das práticas mortuárias igualmente aplica suas ferramentas para discernir os diversos motivos que levaram até aquele enterramento.

Por sua vez a arqueologia funerária e a tanatologia também trabalham em conjunto, a primeira como modelo teórico e a segunda como execução metodológica, analisando sempre o guia rápido das tabelas 1, 2 e 3. A segunda fase desse processo, é como nos elucida Silva, com base em um sistema preestabelecido, definir qual a função dos adornos funerários encontrados no momento da escavação.

Os autores exemplificam através de adornos de conchas:

Os adornos produzidos pelos grupos indígenas locais, tinham como matéria-prima o tipo de recurso existente, em geral, eram produzidos em ossos, dentes, conchas e minerais.

Identificar o bem utilizado para produzir peças podem conduzir a uma história associada ao grupo ou ao próprio artefato. As conchas, por exemplo, quando mantidas características morfológicas suficientes, podem ser classificadas quanto a sua origem marinha ou de água doce, por exemplo, com isso, podem ser levantados locais de origem estabelecendo assim uma relação entre o local identificado e o original.

Além desse atributo, são levados em consideração aspectos técnicos ligados a confecção e forma do artefato, associando em alguns casos o uso da peça, em função das referidas características. As pesquisas sobre adornos no Brasil ainda são restritas, até o momento, não há uma associação a tipos específicos de adorno que possam ser caracterizados como pertencentes a grupos específicos, cabendo então promover muito mais uma abordagem técnica que cultural.

Logo, podemos concluir duas coisas deste trecho, a primeira é que parte do processo de compreender a matéria prima que diz respeito ao sítio e aos adornos, podem ajudar grandemente a complementar a compreensão sobre os artefatos escavados, já a segunda é que nossa base de dados é majoritariamente comparativa, não havendo um grande manual que classifique e detalhe suas especificidades, mas sim diversos estudos de caso oriundos de trabalhos da graduação e pós-graduação.

Uma vez que normalmente manuais se tornam verdadeiras “bíblis” a serem seguidas e raramente são atualizadas, a teia de conhecimento criada inconscientemente pelos pesquisadores brasileiros, flexibiliza a compreensão dos artefatos em cada região, e permite o debate de artefatos que podem até recentemente não ter havido discussões, como é o caso dos possíveis instrumentos musicais escavados em Pernambuco<sup>3</sup> e Sergipe<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Mais sobre em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cliarquologica/article/view/247241>.

<sup>4</sup> Mais sobre em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7421/2/Layra\\_Blenda\\_Oliveira\\_%20Jesus.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7421/2/Layra_Blenda_Oliveira_%20Jesus.pdf)

## 10. Possíveis práticas de campo

Uma vez que já apresentamos algumas das principais disciplinas que estudam a morte, façamos um exercício mental para melhor compreender a aplicação destas disciplinas.

Imaginemos então, um sítio arqueológico em uma pequena cidade com alguns prédios históricos do interior do Nordeste, ao revitalizar algumas das principais vias, são encontrados esqueletos e fragmentos cerâmicos, então são contratados arqueólogos para realizar o **salvamento arqueológico**. A equipe que fará o salvamento deve inicialmente fazer um levantamento do entorno para compreender os pontos que fazem desta localização, relevante para duas comunidades humanas se estabelecerem na região.

Em um primeiro momento, através da **arqueologia sensorial**, os arqueólogos escolhidos para esse levantamento devem analisar pequenos detalhes, como: matéria prima; mata nativa; proximidade de rios ou lagos; a altura em relação ao entorno, uma vez que este pode ser um local de observação estratégico para os moradores; distância entre outras cidades ou estradas; etc. Um breve estudo geológico do solo e topográfico da região, identificação de fauna e flora nativas também devem ser levadas em consideração, assim como a idade aproximada das construções mais antigas da cidade.

Após ou durante esta fase ser iniciada, deve ser posta em prática a **arqueologia das práticas mortuárias** e suas respectivas atribuições metodológicas, para que possamos compreender o que são os artefatos encontrados durante o processo de revitalização das vias públicas. Caso a equipe seja dividida ou após o levantamento anterior ser concluído, esta etapa deve considerar os artefatos escavados, com uma catalogação mesmo que preliminar, como ocorreu durante o salvamento arqueológico de Xingó-SE, que atualmente se encontra no MAX (Museu de Arqueologia de Xingó), os artefatos de escavação se dividem entre o museu e a UFS (Universidade Federal de Sergipe) e em certas ocasiões são cedidos para pesquisa externa. Muitos dos artefatos escavados ainda não foram estudados pela equipe do museu ou da UFS, e ainda possuem em seu acervo a etiqueta preliminar criada durante a escavação. Uma vez realizada esta etapa, os arqueólogos em campo, já possuem uma visão geral do entorno do sítio e dos principais tópicos a serem considerados ao refletir sobre os artefatos encontrados e escavados.

Suporemos que nesta escavação hipotética sejam encontrados 3 esqueletos além dos artefatos, poremos em prática a **arqueologia funerária**, que por sua vez identificará detalhadamente os esqueletos, seus tipos de enterramento e caso haja, os artefatos encontrados

juntos. Para a identificação, serão postas em pratica os itens mencionados anteriormente por Plens (2018), para compreender as miudezas técnicas que residem nos esqueletos.

Caso decidamos separar estes passos em duas fases (sítio e laboratório), podemos também considerar que são duas as fases gerais da **análise tanatológica**: coleta de dados e análise dos dados.

Posta em pratica nas duas frentes da escavação (campo e laboratório), a tanatologia enquanto ciência que estuda a morte considera os dados obtidos para ajudar a discernir o significado dos artefatos escavados, seja por comparação dos artefatos ou por levantamento bibliográfico.

Ao concluir a escavação e o estudo em laboratório, nossos hipotéticos arqueólogos percebem que foram coletados 100 fragmentos cerâmicos em postos diversos sem correspondência entre as partes, 20 artefatos líticos em áreas diversas da cidade e 3 esqueletos de enterramento primário com ornamentos em osso e resina, além das análises obtidas pré-escavação (topografia, análise de fauna e flora, matéria prima e afins)

Em um primeiro momento o que podemos compreender é, que se trata de uma região com pouca matéria prima, com proximidade de uma fonte de água e estradas, uma mata nativa quase intacta com pequenos mamíferos (coelhos, mocos, peixes) além de ser uma boa região para observar o entorno; em relação aos esqueletos, nenhum é completo, estão muito desgastados e não apresentam nenhuma peculiaridade. Já em relação a cidade, são 11 construções históricas nos quais a pequena cidade cresceu ao seu entorno.

Concluem nossos hipotéticos arqueólogos que nossa cidade fictícia foi em um tempo pretérito, uma região de passagem, possivelmente um acampamento sazonal de agrupamentos nômades, que esta cidade foi construída pelos mesmos motivos que foi habitada anteriormente, e os esqueletos tem uma diferença de aproximadamente 300 anos entre si, remontando entre 400-1200 AP<sup>5</sup> e a cidade 1850DP<sup>6</sup>.

Temos então o exemplo de uma possível aplicação pratica de como agem tais ciências e seus respectivos mecanismos. Ao estudar uma cidade como Machu Picchu por exemplo, muitos desses processos se repetiriam, e tantos outros de áreas diversas seriam incluídas, como por exemplo, a arqueologia histórica, a linguística, engenharia e astronomia. No caso de estudar a pirâmide submersa do Lago Fuxian (China), explicitamente, além destas disciplinas a arqueologia subaquática se torna indispensável.

---

<sup>5</sup> Antes do Presente

<sup>6</sup> Depois do Presente

O conjunto de disciplinas que apresentamos neste trabalho nada mais é do que um primeiro passo a ser dado, uma vez que a arqueologia pode sempre se modificar para se adaptar/ajustar em uma região, estas, também podem se adaptar e incluir outras disciplinas para melhor nos auxiliar a compreender nosso passado.

## **11. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma vez que existe uma disparidade entre a sala de aula e o campo prático, através deste trabalho podemos compreender inicialmente as principais disciplinas que estudam a morte e alguns dos passos a serem seguidos para interpretar não apenas os adornos, mas o enterramento e brevemente o sítio. Compreendemos que para resultados mais completos pesquisas mais amplas devem ser realizadas, de preferência com equipes maiores e uma grande gama de profissionais de diferentes áreas para ampliar e diversificar a compreensão dos artefatos e do sítio, assim como exemplificamos no 10º tópico deste trabalho.

Visto que este trabalho visa prestar um breve esclarecimento aos demais estudantes da graduação que possam vir a ter as mesmas dúvidas que nós outrora tivemos em aula que não conseguimos sanar naquela época. Este trabalho conclui o que nos determinamos a apresentar e exemplificar, apesar de haver algumas lacunas em relação a outras disciplinas mencionadas, não compete a nós extrapolar nossa proposta inicial, podendo ser ampliada em algum trabalho futuro.

## 12.REFERENCIAS

- BOUSSO, Regina Szylyt; POLES, Kátia; ROSSATO, Lisabelle Mariano. Desenvolvimento de conceitos: novas direções para a pesquisa em tanatologia e enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, p. 1331-1336, 2009.
- BORKO, Harold. Information science: what is it? **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2021.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira, 1992, 153p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002, 175p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2003, 311p.
- MARTINS, Ana Carolina de Melo et al. Biblioteconomia e ciência da informação: uma análise paradigmática em bibliotecas públicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC, p. 607-626, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/1201/pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.
- OKOLI, Chitu. **Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura**. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. **EaD em Foco**, 2019;9 (1): e748. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.748>
- PELLINI, José Roberto. Arqueologia com sentidos: uma introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista Arqueologia Pública**, v. 9, n. 4 [14], p. 1-12, 2015.
- PLENS, Cláudia Regina. Arqueologia Funerária: a materialidade da vida após a morte. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 3, n. 6, p. 318-343, 2018.
- RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. Alameda, 2007.
- SILVA, Jaciara Andrade. Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato Nativo Americano/Europeu. 2017.

SILVA, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.